



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG
CAMPUS PEDREIRAS

IRANILDO DE SOUZA MIRANDA

O BULLYING COMO FORÇA MOTRIZ: análise sociocrítica de sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher

Pedreiras
2024

IRANILDO DE SOUZA MIRANDA

O BULLYING COMO FORÇA MOTRIZ: análise sociocrítica de sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão
Campus Pedreiras para o grau de
licenciatura em Letras.

Professor Orientador: Prof. Me.
Francinaldo

Miranda, Iranildo de Souza.

O bullying como força motriz: análise sociocrítica de sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher / Iranildo de Souza Miranda. – Pedreiras(MA), 2024.

54p.

Monografia (Curso de Letras Português) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus Pedreiras - MA, 2024.

Orientador: Me. Francinaldo Pereira da Silva

1. Bullying. 2. Sociocrítica. 3. Negligência I.Título.

CDU:37.06

IRANILDO DE SOUZA MIRANDA

O BULLYING COMO FORÇA MOTRIZ: análise sociocrítica de sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão Campus Pedreiras para o grau de licenciatura em Letras.

Professor Orientador: Prof. Me. Francinaldo

Aprovação em: 30/ 07/ 2024

Documento assinado digitalmente
 FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA
Data: 06/11/2024 11:43:38-0300
Verifique em <https://validar.itи.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

ORIENTADOR

Documento assinado digitalmente
 MARIA EVELTA SANTOS DE OLIVEIRA
Data: 06/11/2024 11:39:25-0300
Verifique em <https://validar.itи.gov.br>

Prof^a. Ma. Maria Evelta Santos de Oliveira (UFMA)

1º EXAMINADOR

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCA JANDIRA MACHADO NEVES
Data: 05/11/2024 17:32:31-0300
Verifique em <https://validar.itи.gov.br>

Prof^a. Ma. Francisca Jandira Machado (UPF)

2º EXAMINADOR

Ao meu bom Deus que sempre me
amparou durante todo o percurso da
graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu Deus todo poderoso por ter me dado a capacidade de ter chegado até o fim, que não me deixou desistir em nenhum momento.

À Universidade Estadual do Maranhão por ter me dado a oportunidade de me aprimorar profissionalmente e me conhecer como pesquisador.

Ao meu orientador Francinaldo Pereira que desde o primeiro momento procurado, abraçou minha ideia e não mediu esforços para me ajudar a finalizar meu trabalho, você é luz. Sua organização quero levar para a vida.

À Professora doutora Regilane Maceno, que foi em uma oficina ofertada por ela que eu decidi o que queria pesquisar em minha monografia. Obrigado por ter me influenciado na pesquisa e sempre cobrado mais de mim.

Aos professores do Campus que ajudaram em todo o processo para que eu pudesse me encontrar tanto como um profissional quanto uma pessoa melhor.

Aos meus colegas que compartilharam comigo essa graduação, em especial à Ana Karen, Débora Rozane e Maria Layane que sempre estiveram ali para fazer o processo menos difícil.

À minha noiva Maria Cristina por sempre ter me ouvido e dado forças quando me sentia sobrecarregado, Deus te usava grandiosamente.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e nunca duvidaram da minha capacidade.

“Auxiliar e conduzir as novas gerações na construção futura de uma humanidade mais justa e menos violenta são um imperativo categórico de que todos nós deveríamos nos incumbir.”

Ana Silva

RESUMO

O bullying é uma problemática presente em diversas esferas sociais, especialmente nas escolas, e suas consequências têm se mostrado devastadoras para os envolvidos. Percebe-se também, em alguns casos, que estas ações nocivas não são combatidas de maneira efetiva, ou mesmo que haja uma reflexão sobre estas, que, consequentemente, pode gerar inúmeros novos casos e impunidade. Nesse sentido, objetivou-se analisar a partir de uma concepção sociocrítica a representação e negligência do fenômeno do bullying na obra *Os treze porquês* de Jay Asher. De forma mais específica, a identificar como o bullying é representado na obra de Jay Asher e como ele se mostra negligenciado. Bem como, verificar as consequências de um mal enfrentamento do bullying nos personagens da obra e como isso pode afetar a narrativa e, por fim, inferir se o tratamento dispensado ao bullying na realidade exerce influência na estrutura ficcional. Para tanto, recorreu-se à concepção de análise sociocrítica, aprofundada em um levantamento bibliográfico dos principais autores Cândido (2006), Bakhtin (1997), além de outros. Silva (2010) faz-se pertinente para que se conheça o termo bullying e suas características, além de Fante e Pedra (2008) e outros. Assim, por conseguinte, a obra evidencia de maneira contundente as consequências devastadoras do bullying e ilustra como a negligência desse problema pode agravar ainda mais a situação das vítimas. Logo, concluiu-se que a obra *Os Treze Porquês* (2009) desempenha um papel relevante na abordagem do tema do bullying, porém apresenta lacunas que merecem atenção, como uma abordagem displicente da representação da vítima na obra, além de reforçar estereótipos negativos no que se refere ao modo lidar com a problemática.

Palavras-chave: Bullying; Sociocrítica; Negligência.

ABSTRACT

Bullying is a significant issue present in various social spheres, especially in schools, and its consequences have proven to be devastating for those involved. It is also observed, in some cases, that these harmful actions are not effectively addressed, or that there is a lack of reflection on them, consequently leading to numerous new cases and impunity. In this context, the aim was to analyze, from a sociocritical perspective, the representation and neglect of the bullying phenomenon in Jay Asher's work *Thirteen Reasons Why*. Specifically, to identify how bullying is portrayed in Jay Asher's work and how it is neglected. Additionally, to examine the consequences of poorly addressing bullying on the characters in the work and how it can affect the narrative, and ultimately to infer whether the treatment of bullying in reality influences fictional structure. To achieve this, a sociocritical analysis approach was employed, supported by a bibliographical review of key authors such as Candido (2006), Bakhtin (1997), among others. Silva (2010) is relevant for understanding the term bullying and its characteristics, as well as works by Fante and Pedra (2008) and others. Consequently, the work vividly highlights the devastating consequences of bullying and illustrates how neglecting this issue can further worsen the situation for victims. Therefore, it is concluded that the book *Thirteen Reasons Why* (2009) plays a significant role in addressing the theme of bullying, but it also presents gaps that deserve attention, an indifferent approach to the representation of the victim in the work, in addition to reinforcing negative stereotypes regarding the way to handle the issue.

Keywords: Bullying; Sociocritical; Negligence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
3 LITERATURA E SOCIEDADE: ASPECTOS TEÓRICOS PARA A SOCIOCÍTICA.....	13
3.1 Relação literatura e realidade.....	13
3.2 Sociocrítica: métodos e metodologia.....	16
3.3 Temas sociais e literatura.....	20
4 BULLYING: CONCEITOS E COMPREENSÃO DO FENÔMENO.....	23
4.1 Tipos e modalidades.....	23
4.2 Perfil dos envolvidos.....	25
4.3 A juventude nos tempos modernos e os impactos do bullying.....	28
5 O BULLYING COMO FORÇA MOTRIZ: sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher.....	34
5.1 Análise da Representação do Bullying na obra.....	34
5.1.1 Função do Bullying como gerador da estrutura narrativa.....	38
5.3 Consequências do mal-enfrentamento do Bullying na obra.....	41
5.3.1 Impactos psicológicos e sociais na personagem/vítima.....	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O bullying é uma problemática presente em diversas esferas sociais, especialmente nas escolas, e suas consequências têm se mostrado devastadoras para os envolvidos. Percebe-se, também, em alguns casos, que estas ações nocivas não são combatidas de maneira efetiva, ou mesmo que haja uma reflexão sobre estas, que, consequentemente, pode gerar inúmeros novos casos e impunidade.

Dessa forma, o romance norte-americano *Os treze porquês* (2009), escrito por Jay Asher, mostra-se como um pertinente objeto de análise e compreensão deste fenômeno. Posto que, o enredo é desenvolvido a partir de fitas cassette gravadas pela protagonista, Hannah Baker, antes de recorrer ao suicídio. Assim, nessas revela-se os treze motivos que a levaram a tomar essa decisão drástica. Nota-se que um elemento permeia essa lista, pois o bullying emerge como uma das principais causas do sofrimento vivenciado pela personagem. Por essa razão, apresenta-se pertinente uma análise crítica de como o bullying é retratado na trama e como sua negligência é apresentada na narrativa.

Assim, busca-se, por meio desta pesquisa, responder a questão norteadora de como as consequências do mal enfrentamento do bullying são representadas no enredo de *Os Treze Porquês* e quais suas implicações na obra? Para tanto, estabelece-se como objetivo geral: analisar a partir de uma concepção sociocrítica a representação e negligência do fenômeno do bullying na obra *Os treze porquês* de Jay Asher.

Além disso, para que se atenha de maneira mais específica ao problema proposto, dispõe-se também os objetivos específicos: identificar como o bullying é representado na obra de Jay Asher e como ele se mostra negligenciado. Bem como, verificar as consequências de um mal enfrentamento do bullying nos personagens da obra e como isso pode afetar a narrativa e, por fim, inferir se o tratamento dispensado ao bullying na realidade exerce influência na estrutura ficcional.

Para atingir tais objetivos, recorre-se à concepção de análise sociocrítica, aprofundada em um levantamento bibliográfico dos principais autores como Cândido (2006), Bakhtin (1997), Compagnon (1998), entre outros, que se fizerem necessários. Neste ínterim, para que haja também uma contextualização da problemática social que é pretendida, Silva (2010) faz-se pertinente para que se conheça o termo bullying e suas características, além de Fante e Pedra (2008),

Cunha (2018) e Catini (2004). Por fim, alguns conceitos formulados por Moisés (2007) e Goffman (2004) são pertinentes a produção desse trabalho.

Assim sendo, O bullying sempre foi algo que atraia atenção, explicado pelo fato de ter sofrido durante a infância e parte da adolescência dentro do ambiente estudantil, a negligência deste também o acompanhava em diversas oportunidades. Além do que, é cabível ainda destacar que esta pesquisa não partirá apenas para um viés de fomentação teórica, mas também terá uma função prática na sociedade. Diferentes profissionais da educação, psicologia e áreas afins poderão se beneficiar dela, pois ela pode oferecer diferentes óticas sobre o bullying, o que pode promover reflexões e motivação de futuros estudos dentro dessa temática. Logo, poder-se-á contribuir para o se pensar e propor o desenvolvimento de estratégias e políticas mais eficazes de prevenção e intervenção.

Desse modo, segundo capítulo aborda a relação entre literatura e sociedade, para que aponte os aspectos teóricos que a sociocrítica se vale. Dividido em três tópicos, o primeiro aborda a relação entre literatura e sociedade e como a realidade influencia a produção literária. No segundo, aborda a sociocrítica, destacando o enfoque em seu eixo de atuação, bem como os métodos e metodologias empregados por seus adeptos. Por fim, no último tópico deste capítulo ressalta-se a interação entre temas sociais e literatura ao longo da história, destacando a complexidade dessa relação.

Após este, o terceiro capítulo, apresenta o bullying com seus conceitos e aprofundamentos. Também dividido em três tópicos, em seu incipiente se conhece a diversidade de comportamentos agressivos que constituem o bullying e sua manifestação. No próximo tópico é explorado o perfil dos envolvidos no bullying, com ênfase em suas características, motivações e contextos. O tópico que fecha esse capítulo se atém na frequência do bullying entre jovens e adolescentes nos tempos modernos, enfatizando a influência das dinâmicas sociais vigentes.

No quarto capítulo há a análise da obra, divide-se em quatro tópicos: no primeiro apresenta-se a representação do bullying na obra, como ele é manifestado; no segundo expõe de que maneira essa problemática age como geradora da estrutura narrativa; no seguinte vê-se as consequências do mal-enfrentamento do bullying e em última instância salienta-se um aprofundamento no impacto que isso influi no aspecto social e psicológico da vítima/personagem.

Portanto, mostra-se devidamente importante estudar o bullying por causa das suas implicações devastadoras, que transcendem a ficção e, muitas vezes, são irreversíveis. Ao abordá-lo com base na metodologia específica, a sociocrítica, busca-se estimular a reflexão e o diálogo em torno de um tema muitas vezes negligenciado, uma vez que a obra exerce uma função reflexiva e significativa neste tocante. Em suma, a abordagem se mostra pertinente para expor o quadro desta problemática, assim, estimular mais estudos literários preocupados com os temas sociais, para que ajude não apenas na esfera acadêmica, mas também na sociedade como um todo.

2 LITERATURA E SOCIEDADE: aspectos teóricos para a sociocrítica.

Este capítulo visa fornecer uma base teórica sólida sobre as interações entre literatura e sociedade, explorando aspectos fundamentais que embasam a perspectiva da sociocrítica. A abordagem teórica adotada nesta seção busca estabelecer uma compreensão aprofundada dos modos como a literatura interage com os contextos sociais e culturais, em consonância com as teorias sociocríticas. Para tanto, o capítulo começa com uma explanação sobre a compreensão das relações entre a produção literária e a realidade. Em seguida, a discussão se volta para os métodos e metodologias inseridos na sociocrítica. Após isso, discutirá no terceiro tópico a relação existente entre a literatura e os temas sociais. Esse arcabouço teórico será essencial para a posterior análise da obras literária à luz de sua inserção e repercussão na esfera social

2.1 Relação literatura e realidade

A Literatura, assim como as diferentes formas artísticas, é produzida por escritores que se situam sócio e historicamente em dados momentos da vivência e interação humana. Estes produtores estão inseridos em diferentes esferas sociais e por elas sofrem influências diversas. Por conseguinte, algumas dessas são expressas nas literaturas por eles produzidas; a realidade se torna presente na obra, mas é necessário que haja uma compreensão de que esta não se limita àquela.

Esta que era a maneira como se concebia nos primórdios dos estudos da crítica literária, a qual para seus autores, segundo Cândido (2006), a ênfase estava em demonstrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de sua capacidade de expressar um determinado aspecto da realidade, e que esse aspecto era o que definia a sua essência. Neste ínterim, consoante Compagnon (1999, p. 102), “se disseminou a idéia corrente, até as teorias do século XX, sobre a arte e a literatura como imitação da natureza”, algo que perdurou por muitos anos. Até que, posteriormente, surgiu uma nova proposta antagônica, a qual buscava mostrar que a obra deveria estar aquém de quaisquer elementos, sobretudo os sociais. Passou, assim, a ter uma postura mais formalista, uma vez que a prioridade estava nas formações estruturais presentes em suas produções, era a busca de algo que servia de aspecto singular entre as literaturas produzidas. Por meio dela, preconizava-se

que o texto literário carregava consigo uma independência. Por esse motivo, como explana Compagnon (1999, p. 102), tinha-se que:

Como análise das propriedades estruturais do discurso literário, da sintaxe de suas estruturas narrativas, em detrimento de tudo o que nos textos concerne à semântica, à mímèsis, à representação do real, e, sobretudo à descrição. Na dualidade narração e descrição, convencionalmente pensada como constitutiva da literatura, todo esforço orientou-se para um único pólo, a narração, e para sua sintaxe (não sua semântica).

Desta forma, a abordagem literária focava a análise formal e estrutural das narrativas, em detrimento de aspectos como a simbologia e a representação do real. Essa abordagem utilizou-se da sintaxe, da técnica narrativa e da estrutura em oposição à interpretação simbólica das obras. Embora a análise estrutural seja fundamental para a compreensão das obras literárias, a concentração exclusiva nela pode limitar a compreensão de significados mais amplos, que não seriam percebidos com uma visão tão micro da narrativa.

Contudo, com o tempo, outras correntes críticas trouxeram desenvolvimentos destas linhas teóricas, destacando a importância da relação entre forma e conteúdo, a necessidade de considerar múltiplas camadas de significado em uma obra literária. Então, os autores passaram a postular que somente seria possível compreender plenamente uma obra literária ao integrar tanto o texto em si quanto o contexto em que foi produzido, por meio de uma interpretação que levasse em consideração todas essas dimensões de maneira integrada e dialética, segundo o que expõe Cândido (2006).

Assim é fundamental ter consciência de que a relação entre a obra artística e a realidade é arbitrária e deformante, mesmo que a intenção seja retratá-la com precisão. A imitação da realidade é sempre uma forma de criação, Cândido (2006). Portanto, somente após essa compreensão, poderá reconhecer a natureza complexa da representação artística: que não obstante uma obra de arte busque retratar fielmente a realidade ou não, ela inevitavelmente transforma-a e reinterpreta-a, porque mesmo a imitação da realidade é também uma forma de criar. Em resumo, ao ter dimensão dessa relação, o analista não incorre no equívoco de reduzir a obra a uma imitação do real.

Por consequência disso, fica evidenciado a intrínseca relação existente entre a literatura e a realidade, pois na escrita, segundo Bakhtin:

(a relação do autor com a língua e a utilização da língua que ela implica) é o reflexo impresso no dado do material por seu estilo artístico (sua relação com a vida e com o mundo da vida e, condicionado por essa relação, sua elaboração do homem e do seu mundo) (Bakhtin, 1997, p. 208).

Por essa relação, entende-se que a linguagem é mais do que um simples veículo para a expressão de ideias; nela se expressam marcas influenciadas pela impressão da realidade na escrita literária, pelas experiências, pelas relações sociais e pela cultura do autor. Assim, ao produzir, é expresso na obra não apenas seu estilo artístico, mas também sua relação com a vida e sua percepção do mundo, o que contribui para a complexidade e riqueza da narrativa. São essas inter-relações presentes no fazer artístico-literário que possibilitam o uso dessas camadas e dimensões encontradas nela, para fins de análises.

Além disso, Bakhtin (1997) expõe que o estilo artístico de um autor reflete sua elaboração do homem e do mundo, isto é, a forma como ele percebe e interpreta todo o ambiente que o permeia. Dessa forma, a percepção que este artista assimila da realidade e transpõe para o texto está intrinsecamente ligada à sua visão do ser humano e do mundo tangível. Em síntese, o autor não consegue desvincular da sua produção, parcial ou totalmente, o meio que o circunda, de alguma forma ele estará presente nas camadas do texto consciente ou inconscientemente.

Todavia, para o crítico sociológico, não se admite uma análise superficial, ele entende que o contexto externo entendido como o aspecto social, é importante não como causa direta ou como significado unilateral da obra, mas se apresenta como um elemento cuja função no processo de formação da estrutura textual passa a fazer parte do seu interior e influenciar sua dinâmica, como defende Cândido (2006).

Por essa razão, torna-se pertinente uma abordagem sociocrítica da obra literária proposta, uma vez que nela expressa-se influências marcantes da estrutura sócio-histórica a qual foi produzida, justificado ainda por, segundo Barbéris (1997), ela:

[...] visa ao próprio texto como espaço onde se desenrola e se efetiva uma certa socialidade. Mas, como a sociologia do literário e a da recepção *stricto sensu* se revelam em parte alheias ao essencial (o que se passa no texto), a sociocrítica parece poder sem grande prejuízo, integrá-las, ainda que só no plano do vocabulário empregado (Barbéris, 1997, p. 145).

Neste excerto, os autores expressam a ideia de que o texto literário é um espaço no qual interações sociais se desenvolvem e se manifestam. Desta maneira, enquanto a sociologia da literatura visa, essencialmente, a “moldura de texto”,

aspectos mais extralingüísticos como enquadramento social, contexto de produção e editoração, a sociologia da recepção preocupa-se com a formação e a configuração do público, questão de aprovação e desaprovação, por isso não conseguem captar de maneira integral aquilo que se pretendia com a obra, pois estavam em parte desconectadas do aspecto essencial, que é a própria dinâmica interna do texto. Portanto, encontra-se na sociocrítica que trabalha diretamente o texto e sua relação com a sociedade, a capacidade de ir além dessas abordagens, o que será aprofundado e exposto detidamente no próximo tópico.

2.2 Sociocrítica: métodos e metodologia

Para que haja um enfoque na concepção da sociocrítica, faz-se necessário compreender o seu eixo de atuação e quais métodos e metodologias são empregados pragmaticamente por seus adeptos. Para tanto, antes convém entender o conceito de análise e de qual forma a análise sob este viés se diferencia das demais propostas. Assim, Moisés (2007) esclarece que:

À análise, define-se como um processo de conhecimento da realidade que não é exclusivo de ciência alguma, nem mesmo de filosofia alguma, religião alguma ou arte alguma. Sempre que um objeto, um conceito, uma equação matemática, uma idéia, um sentimento, um problema, etc., é decomposto em suas partes fundamentais, está-se praticando a análise. (Moisés, 2007, p. 13)

Portanto, para o autor produzir uma análise literária consiste em decompor a obra de modo que possa perceber as partes menores que compõem o todo dessa estrutura completa. Parte do pressuposto de desmembrar todas as camadas presentes na narrativa e observá-la de modo que possa perceber como cada uma age para o funcionamento da outra e, desse modo, da obra como um todo. Essa ação possibilita a percepção de problemáticas não evidenciadas antes enquanto a obra apreciada por uma visão macro, pois

O desmembramento de um texto põe à descoberto problemas e dúvidas que ele próprio nem sempre consegue resolver, simplesmente porque o texto (qualquer texto) remonta a uma ou mais tábuas de referência, cujo conhecimento se torna imperioso quando se pretende chegar aos sentidos ocultos na malha expressiva (Moisés, 2007, p. 17).

Assim, entende-se que a depender do teórico e método que o crítico utilizar-se, será possível analisar as obras literárias a partir de problemáticas

distintas, resultando em hipóteses e interpretações variadas que dialogam com diferentes aspectos da realidade cultural, histórica e social, mesmo quando se trata de uma mesma obra, ao ser mudado a base teórica de análise pela qual ela é estudada, terá resultados diversificados.

A crítica sociológica da literatura, por sua vez, dispõe de métodos e metodologias distintas dentro de seu arcabouço teórico, para que se possa fazer uma análise exitosa, as quais se originam de diferentes perspectivas teóricas e buscam objetivos variados, ela possibilitará tais flexibilizações. Para que se possa perceber isso, ela pode se valer de três principais vertentes críticas, a saber, incluem a sociologia da produção literária, a sociologia da recepção literária e a sociocrítica, ou sociologia do texto que terão diferentes concepções para nortear as produções de análises literárias.

Desta forma, a sociologia da produção literária se atém na examinação das condições sociais, econômicas e culturais que permeiam e influenciam a produção dos textos, para que se revele a forma como o contexto histórico e as relações de poder impactam a criação artística. Por sua vez, a sociologia da recepção literária concentra-se na maneira que essa obra é recebida pelo público, como ele a interpreta e utiliza. Para tanto, esse tipo de análise se vale da consideração de aspectos como: a difusão cultural, a formação de identidades, bem como as práticas de leitura.

Já a sociocrítica, mais importante e base para esta análise aqui proposta, tem como principal premissa analisar as construções ideológicas, culturais e simbólicas presentes nas obras, investigando como elas refletem e influenciam as estruturas sociais e as relações interpessoais. Essas abordagens permitem uma compreensão abrangente das relações entre a literatura e a sociedade, enriquecendo a análise, na qual “o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica” (Candido, 2006, p. 16).

Não obstante o uso das duas primeiras seja recorrente e se confunda com o da sociocrítica, para que se delimite suas nuances, faz-se necessário esclarecer o que realmente é essa abordagem para que se comprehenda a maneira pela qual o aspecto social influencia a interpretação as obras, como o fator social se transmuta para a estrutura narrativa. Em primeira instância, é importante ressaltar que "toda análise textual é contextual" (Moisés, 2007, p. 17). Portanto, torna-se imprescindível

entender o papel do contexto e sua influência na forma como as obras são formadas.

Por essa razão, o contexto é fundamental para o sucesso do processo analítico, uma vez que uma obra literária está situada em um momento histórico e em um espaço específico da sociedade. Por conseguinte, este autor é influenciado pelo ambiente em que vive, e aqueles que recebem e analisam a sua produção, também são influenciados pelo seu contexto como leitores. Assim, todo o processo é intrinsecamente contextual.

Dessa mesma forma, para esse autor o que importa é o texto, porém, sem a presença do contexto pode permanecer impermeável a tentativas de análises (Moisés, 2007, p. 14). Cabe, a partir destes postulados, perceber e destrinchar de que forma essas metodologias servem para analisar estas camadas da estrutura textual, bem como ela é influenciada pelo social. Para Cândido (2006), por exemplo,

A primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à **estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação** (Cândido, 2006, p. 30, grifo nosso).

Em vista disso, constata-se que a abordagem sociocrítica explora aspectos intrínsecos ao contexto de produção e vai além disso. Pois, o analista, de maneira complexa, busca compreender como esses elementos influenciam a produção de significados na obra, como ela expressa sua visão de determinado grupo social e como os valores predominantes em uma época histórica se refletem nos personagens. Além disso, investiga como esses personagens reagem e deixam de reagir diante de situações delicadas, o que pode refletir na omissão ou enfrentamento de determinados assuntos que possam se mostrar problemáticos.

Isso implica em determinados momentos nos textos literários que os personagens transmitem certas ideologias, pensamentos e costumes arraigados de determinada época. Durante esse processo, o analista percebe como essas ações acabam expondo tanto as visões dos personagens no âmbito narrativo como da sociedade e da época que foi produzida a obra; esta interação com os demais elementos da narrativa de maneira direta ou indireta resultam na interpretação dessa obra.

A percepção dessa relação entre a obra e o contexto sociocultural não é mera coincidência, uma vez que o autor está inevitavelmente imerso nesse ambiente. Por

isso, se manifesta nas escolhas de técnicas de comunicação ao longo da estrutura narrativa. É possível, então, analisar de forma mais sistemática como esses aspectos podem ser percebidos na análise, Cândido (2006), esclarece alguns desses pontos que referenciam essa crítica:

Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: **a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.** (Cândido, 2006, p. 30, grifo nosso)

Nesse sentido, para ele, o processo analítico parte de uma definição da posição social do artista até a transmissão de sua obra. Para a sociocrítica, salienta-se que a sociedade e a época em que o artista está inserido exercem um impacto profundo em quatro momentos chave da produção artística, que abrange a sua orientação de acordo com os padrões da época, a escolha de temas que refletem o cenário sociocultural, a adoção de formas específicas de expressão que corroborem com a visão que se pretende passar e, por fim, a maneira como a obra resultante interage com o meio a partir da síntese de que ela se vale.

Ao destacar a interconexão entre o artista e a sociedade, é ressaltada a necessidade interior do artista que se entrelaça aos valores e normas de sua época. Isso também evidencia a importância da interpretação das obras dentro do contexto histórico e cultural em que foram concebidas e da compreensão de como a síntese resultante atua sobre o meio, influenciando e sendo influenciada por ele. Com isso, leva-se essa abordagem a “[...] uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (Cândido, 2006, p.16).

Por essa razão, o escritor que “[...] é o centro do conteúdo-forma a partir do qual se organiza a visão artística, e de que se trata de um homem dado nos valores de sua atualidade-presença no mundo” (Bakhtin, 1997, p. 201), deixará de abordar certos temas, ou mostrará-los de maneira displicente, bem como adotará formas distintas para apresentar esse mesmo tema, abordará algo de maneira objetiva ou sintético ao extremo, a fim de que essas escolhas ajam em quem as recebe, de modo a provocar certa reação no receptor.

Ainda segundo Bakhtin (1997), o artista utiliza a palavra como uma ferramenta para explorar o mundo ao seu redor, e para fazer isso, ele precisa transcender a

palavra em si mesma, para que ela se torne uma expressão do mundo dos outros e uma expressão da relação do autor com esse mundo. Desse modo, o texto literário carrega consigo elementos sociais claros e que esses passam a fazer parte da estrutura da obra, de modo que o autor consiga transmitir o mundo ficcional aos seus receptores, mas que esses, por meio das suas percepções da realidade, tenham habilidade para o compreender de maneira bem mais significativa, uma vez que visa entender como o artista busca se integrar a um sistema simbólico existente, utilizando o que já está estabelecido como uma maneira de expressão em uma determinada sociedade (Candido, 2006). Então, influenciando e sendo influenciado pelas convenções sociais, de modo que ela seja expressa e seja integrada diretamente pela composição do texto, para que se tenha uma assimilação exitosa de como a literatura tem um potencial exponencial de abordar temas sociais.

2.3 Temas sociais e literatura

A relação entre temas sociais e literatura tem sido objeto de intenso debate ao longo da história, especialmente em virtude da complexa interação entre o contexto sociocultural e a produção artística. Como discutido anteriormente, a teoria de Antonio Cândido oferece uma perspectiva valiosa sobre a arte, que para ele:

É social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 29).

É motivado por este pensamento, que se entende que a obra exerce uma função sobre aqueles que a fazem e os que a recebe, ela faz com que se produza efeitos práticos, ao passo que modifica a visão dos envolvidos na sua interlocução sobre dados fenômenos da sociedade. Assim, o fator social torna-se parte da estrutura da obra, o texto age sobre quem escreve e sobre quem recebe, modificando ou impulsionando certas visões acerca de qualquer ponto de vista social.

Ressalta-se, por esse motivo, a influência bidirecional da arte no contexto social, visto que de um lado reflete os fatores e influências do meio em que os artistas estão inseridos, e esses elementos se manifestam nas obras de arte de

maneiras variadas. Já do outro, a arte exerce um impacto prático sobre os indivíduos, moldando suas atitudes, pensamentos e percepções sociais, que ocorre devido à própria natureza da obra.

Essas reações se dão independentemente do nível de consciência tanto dos artistas quanto dos receptores sobre as influências sociais envolvidas. Visto que a complexa interação entre a produção artística e o contexto social em que ela está inserida, bem como o seu impacto sobre a percepção e comportamento das pessoas se manifestam diretamente em como essa obra é percebida, entendida e se, por essas razões, essa obra será bem aceita e perpetuada.

Por este motivo, percebe-se que uma obra literária pode trazer uma reflexão e alterar a visão do leitor ou mesmo reforçar estereótipos negativos. Em seu livro *A personagem de ficção*, Cândido (2014), destaca a interconexão entre enredo e personagens na obra literária. Ele ressalta que a impressão causada pela leitura de uma obra de ficção é praticamente indissolúvel: quando pensa-se no enredo, pensa-se ao mesmo tempo nas personagens, e quando se pensa nas personagens, pensa-se simultaneamente na vida que vivem e nos problemas em que estão envolvidas.

Essa percepção reforça a ideia de que a arte literária traz aspectos da vida e das questões sociais, inevitavelmente ligando-se aos fatores do meio em que foram produzidas. Haja visto a interconexão entre enredo e personagens que sugere a influência recíproca entre a trama ficcional e a representação das vivências e dilemas humanos. A literatura funciona como um reforço positivo ou negativo, se analisada nesses termos, os temas sociais por ela abordados, podem deturpar ou ampliar a visão que se tinha a partir de um ponto de vista, e isto é inerente ao fazer artístico e humano.

Essa reação que é gerada nesse dialogismo existente entre autor-leitor se dá, porque, segundo Compagnon:

A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem; seus atos de linguagem são fictícios, mas, uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, o funcionamento dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais, fora da literatura (Compagnon, 1999, p. 135).

Destaca-se, como visto, a capacidade da literatura de criar um mundo fictício com base no funcionamento dos atos de linguagem reais. Em outras palavras, mesmo que os eventos narrados em uma obra literária sejam fictícios, uma vez

imersos nesse ato ficcional, o modo como essa linguagem opera é semelhante à linguagem utilizada na vida real. Constitui, assim, a habilidade da literatura de criar uma realidade própria, em que a linguagem assume um papel fundamental na construção de significados. Assim sendo, ela recria a realidade de maneira a proporcionar uma compreensão mais latente e inteligível de temas sociais que a engendra.

Em conformidade com Candido (2006, p. 28) para o qual, "a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre". Resulta na questão sobre em que medida a arte é social, ou seja, interessada nos problemas sociais, também refletidas pelo mesmo autor, leva a pensar na função e o propósito da arte em relação às questões sociais. Neste sentido, a arte pode ser vista como um meio de expressar e abordar questões sociais, conscientizando e provocando reflexões e mudanças na sociedade.

Assim, a relação entre a expressão artística e a interação com as problemáticas sociais demonstra a capacidade da arte de transcender sua função estética e se tornar uma força ativa na busca por mudanças sociais. Por meio do comprometimento com as questões sociais, a arte pode desempenhar um papel crucial na construção de uma consciência coletiva e na promoção de transformações na sociedade.

Portanto, a literatura pode abordar o bullying de maneira profunda e impactante, atuando como uma reflexão da sociedade e como uma ferramenta para a conscientização e transformação social. Lembrando sempre que por ela se dá por "uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista." Candido (2006, p. 31). Por meio de personagens e enredos, pode haver uma exploração dos efeitos do bullying nas vítimas, agressores e na comunidade em geral. Mas, para que se perceba a atuação desse fenômeno na formação da obra, convém antes destrinchá-lo, tarefa para o seguinte capítulo.

3. BULLYING: conceitos e compreensão do fenômeno

Este capítulo visa explorar de forma aprofundada o tema do bullying, com o intuito de fornecer uma compreensão abrangente do fenômeno. Inicialmente, serão apresentados os conceitos e definições fundamentais relacionados ao bullying, abordando suas diversas manifestações e impactos. Em seguida, será realizada uma análise do fenômeno sob a ótica da psicologia e de outras disciplinas pertinentes, visando a ampliar o entendimento sobre suas causas e efeitos. Por fim, o capítulo busca estabelecer um panorama atualizado do papel da escola e da sociedade na promoção de ambientes saudáveis e na prevenção do bullying dentro das dinâmicas da era moderna que têm influenciado esse processo.

3.1 Tipos e modalidades

O estudo do bullying tem se mostrado complexo e abrangente ao longo de suas abordagens, que ainda são recentes, uma vez que ele engloba uma variedade de comportamentos agressivos que podem ocorrer em diferentes contextos e manifestar-se de diversas maneiras. Portanto, ao se tratar desta temática, torna-se crucial compreender as nuances que esse comportamento pode apresentar. Assim, seus efeitos podem ser percebidos além da agressão física, eles abrangem aspectos como o *cyberbullying* - uso da tecnologia de informação e comunicação para perpetrar ações agressivas contra outros¹ -, a exclusão social, o assédio verbal e muitos outros meios pelos quais a intimidação e a violência se expressam. Mas há um âmbito em especial que o bullying tem sido constantemente perpetuado - o ambiente escolar, que será bem mais evidenciado para os fins desta pesquisa.

Desta maneira, para que se tenha os apontamentos primordiais desta discussão, mostra-se necessário compreender o termo, que ainda não é tão conhecido em sua essência. Segundo Silva (2010, p. 13), “A palavra bullying até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas.”

Por essa perspectiva, a autora ressalta que até um passado recente, a conscientização e o reconhecimento do termo *bullying* eram limitados e pouco

¹ Sobre esse conceito, ver também (Wendt; Lisboa, 2013; Olweus, 2012).

difundidos entre o grande público. No entanto, ao longo dos anos, fomentado por uma crescente atenção e preocupação em relação aos efeitos nocivos sobre as vítimas, fez com que houvesse um aumento na divulgação e discussão desse fenômeno, tanto no contexto escolar quanto na sociedade em geral.

Estes efeitos sobremaneira prejudiciais às vítimas mostram-se quando indivíduos mais fortes exploram os mais vulneráveis como instrumentos de entretenimento, satisfação e dominação, com o propósito de agredir, amedrontar, rebaixar e intimidá-los. Isso, inevitavelmente, resulta, reforça e até mesmo prolonga considerável angústia e aflição nas pessoas vitimizadas (Silva, 2010). Essas vítimas, na maioria adolescentes, acabam sendo prejudicadas de maneira permanente.

A Silva (2010) salienta ainda a inegável realidade da exploração dos mais vulneráveis pelos mais fortes, que gera um ciclo de opressão e sofrimento nas relações estudantis; esta prática é profundamente prejudicial e inaceitável, posto que provoca nas vítimas uma grande incapacidade. Logo, esse processo revela uma dinâmica de poder desigual e injusta que resulta em um impacto significativamente negativo para as pessoas envolvidas, implicando em traumas e, em alguns casos, perdas irreparáveis.

São diversas as ações que se enquadram e causam danos às vítimas dessa prática. Fante e Pedra (2008) trazem uma série de ações que podem ser identificadas como comportamentos de *bullying*. Estes incluem, mas não se limitam a: apelidar, zombar, humilhar, intimidar, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, ameaçar, difamar, agredir física ou verbalmente, assim como roubar ou danificar pertences.

Esses comportamentos, consoante os autores, são considerados atos de *bullying* devido ao seu impacto negativo sobre as vítimas. Dado que esses apelidos, ofensas, humilhações, agressões físicas e verbais têm efeitos graves na saúde mental e no bem-estar emocional daqueles que sofrem. Além disso, eles podem prejudicar o desempenho escolar e a integração social, consequentemente podem trazer danos significativos a longo prazo.

Para tanto, Silva (2010), estabelece as diferentes modalidades que deixam mais compreensíveis seu entendimento e percepção da dimensão desta prática, a saber:

Verbal → insultar → ofender → xingar → fazer gozações → colocar apelidos pejorativos → fazer piadas ofensivas → zoar **Físico e material** → bater →

chutar → espancar → empurrar → ferir → beliscar → roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima → atirar objetos contra a vítima **Psicológico e moral** → irritar → humilhar e ridicularizar → excluir → isolar → ignorar, desprezar ou fazer pouco-caso → discriminar → aterrorizar e ameaçar → chantagear e intimidar → tiranizar → dominar → perseguir → difamar → passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas → fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas) **Sexual** → abusar → violentar → assediar → insinuar (SILVA, 2010. p. 15-16, grifo nosso).

A diversidade de comportamentos prejudiciais que compõem o bullying, como descritos pela autora, revela-o como um fenômeno complexo que merece uma compreensão profunda por parte daqueles que pretendem estudá-lo com fins acadêmicos e para aqueles que pretendem desenvolver projetos para mitigação. No campo dos estudos literários, tais comportamentos ganham novas perspectivas e contemplações ao serem analisados em uma estrutura narrativa ficcional. Posto que ao examinar obras que abordam o *bullying*, demandará uma considerável amplitude dos comportamentos, desde agressões verbais e físicas até a discriminação e o abuso sexual, que se tornam entendíveis pela ótica literária.

Por trazer essa amplitude, o *bullying* pode se manifestar em nuances bem difíceis de se abravar, por esse modo, esta delimitação torna-o mais claro e este termo perde sua abstração, o que o revela mais inteligível e palpável, por conseguinte, passa-se a percebê-lo no tocante às interações nocivas dos agressores sobre as vítimas. Para tanto, é essencial que essa compreensão passe a envolver não apenas os aspectos visíveis, como as agressões físicas e verbais, mas também as formas mais sutis de violência psicológica e moral, que podem passar despercebidas.

Partindo desses pressupostos, o analista abordará suas consequências emocionais e psicológicas de maneira mais sensível e abrangente no que se refere às dinâmicas interativas entre os personagens, as motivações por trás do comportamento de agressor e as jornadas emocionais das vítimas. Desta forma, cabe, antes, entender os atores por trás desta problemática para que se delineie melhor o quadro de análise e comprehenda cada ação.

3.2 Perfil dos envolvidos

Como exposto no tópico anterior, o *bullying* é influenciado por uma variedade de fatores que moldam o comportamento daqueles envolvidos, sejam eles

agressores, vítimas ou espectadores. É por essa razão que explorar-se-á o perfil dos indivíduos que desempenham e atuam diretamente na dinâmica desse processo. Dessa forma, dotados dessa compreensão das características, motivações e contextos desses envolvidos, será possível estabelecer um certo nível de comparação e detalhamento necessário para análise.

Assim, as características psicológicas, sociais e emocionais dos agressores, a vulnerabilidade e as resiliências das vítimas, bem como o papel dos espectadores e os fatores que os influenciam serão ressaltados. O primeiro perfil que urge sua explicação é o da vítima, que conforme Silva (2010, p. 25), “é o aluno que apresenta pouca habilidade de socialização. Em geral, é tímido ou reservado e não consegue reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra ele”. Consequentemente, este perfil em contextos escolares e sociais, apresenta timidez e dificuldade de socialização, o que constitui características que podem torná-lo mais suscetível a sofrer com comportamentos de bullying. Então, por apresentar pouca habilidade de interação social, podem demonstrar maior quietude ou reserva, o que pode ser percebido pelos agressores como uma oportunidade para comportamentos provocativos e agressivos.

Portanto, compreender as dinâmicas específicas de cada vítima, incluindo suas características individuais e necessidades emocionais, trará uma abordagem eficaz de prevenção e intervenção no contexto do bullying, já que qualquer desvio em relação às normas estabelecidas por um grupo específico pode desencadear o processo de seleção da vítima. As razões para isso, embora sempre injustificáveis, podem ser extremamente banais (Silva, 2010).

Pode-se, ainda, perceber dentro do perfil das vítimas duas nuances: a "vítima provocadora" - pode inadvertidamente instigar reações agressivas por parte de seus colegas, mas geralmente não consegue lidar de forma eficaz com as retaliações e a "vítima agressora" - reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, buscando outra vítima mais frágil e vulnerável para descontar todas as agressões recebidas, o que pode acionar um efeito cascata ou de círculo vicioso de violência (Silva, 2010).

Já em segunda instância, os agressores, consoante a mesma autora,

Podem ser de ambos os sexos. Possuem, em sua personalidade, traços de desrespeito e maldade, e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou

legitimado por meio da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo (Silva, 2010, p. 29).

O perfil dos agressores do bullying, conforme disserta a autora, mostra que podem ser de ambos os sexos, que põe em xeque o fato de que o comportamento agressor não está restrito a um gênero específico e pode se manifestar em qualquer indivíduo. Por esse motivo, retira-se uma visão estereotipada de que se restringe aos garotos esta prática que, em certos casos, leva a uma limitada percepção do bullying e dificulta o seu tratamento adequado.

Além disso, outro aspecto levantado é o de agir sozinho ou em grupo, que revela a flexibilidade do comportamento agressor. Haja visto que alguns agressores atuam de forma mais isolada, enquanto outros agem em conjunto com outros agressores, formando grupos que fortalecem e perpetuam o comportamento prejudicial. Infelizmente, essa dinâmica de grupo pode amplificar a natureza insidiosa do bullying, o que dificulta a identificação e a intervenção.

Ante ao exposto acima, Cunha (2018) contribui pontuando que estes agressores que muitas vezes desempenham um papel ativo ao iniciar as agressões e frequentemente necessitam de suporte para modificar seu comportamento, por isso o mais adequado é optar por estratégias não violentas para lidar com esses conflitos. Essa abordagem revela a importância de promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais nos agressores, para que possam compreender e gerenciar suas emoções e conflitos de forma mais construtiva.

Por fim, apresenta-se o grupo dos espectadores, “que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam nenhuma atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores” (Silva, 2010, p. 31). Eles são aqueles que não se envolvem diretamente nas ações do bullying, não atacam e nem sofrem as agressões, “muitas vezes, querem ajudar os colegas que estão sendo vitimizados, mas não sabem como” (Cunha, 2018, p.18-19).

Pode-se perceber também neste caso, algumas subdivisões, que são pertinentes, segundo Silva (2010), os espectadores ativos do bullying podem manifestar apoio moral aos agressores, sem participação direta, enquanto os espectadores passivos tendem a se abster de intervir por medo de se tornarem alvos. Já os espectadores neutros, influenciados pelo ambiente sociocultural em que vivem, podem se mostrar insensíveis às situações de bullying que presenciam.

Antes do avanço na temática, vale ressaltar que esta esquematização é válida para os fins desta análise literária, mas que ao lidar com a problemática no âmbito escolar e social, Cunha (2018), alerta que

Ao abordar os papéis que estudantes desempenham em situações de bullying, é importante evitar o uso de rótulos, como “perpetradores”, “agressores”, ou “vítimas”, pois o uso desses rótulos pode ter consequências como (1) reforçar a mensagem de que o comportamento do estudante não pode mudar, (2) não compreender as diversas formas de envolvimento em episódios de bullying, e (3) deixar de abordar fatores do contexto que podem influenciar esses episódios (Cunha, p. 16-17, 2018).

Os apontamentos do autor indicam que o uso desses rótulos podem reforçar a ideia de que o comportamento do estudante pode não mudar, o que dificulta o processo de intervenção e reabilitação, pois os rótulos criam uma expectativa de que a pessoa está presa a um determinado papel. Além disso, muitas vezes, a dinâmica das interações sociais em situações de bullying é complexa e não pode ser facilmente categorizada sob esses rótulos simplistas.

Portanto, embora as dificuldades que permeiam este assunto possam dificultar a sua interpretação por diversos motivos, cabe uma análise acurada, conciliando a literatura com os componentes sociais. Para que possa difundi-lo e compreendê-lo melhor, para que se possa crescer tanto em níveis de debates na sociedade quanto para o estudo da sociocrítica. Já que a ocorrência desta problemática cresceu de maneira exponencial entre os adolescentes e jovens nos tempos modernos. É sobre este impacto que o tópico a seguir disserta.

3.3 A juventude nos tempos modernos e os impactos do bullying

O bullying, quase sempre, ocorre entre jovens e adolescentes, por essa razão, tornou-se um tema de extrema relevância quando observado pela perspectiva dos tempos modernos, dado que as dinâmicas sociais e os meios de comunicação assumiram um papel significativo na vida e interação desse público. Assim, com o avanço da tecnologia e a onipresença das mídias sociais, deixam-lhes mais expostos do que nunca os comportamentos agressivos e preconceituosos.

Este célebre avanço no contexto moderno exige uma reflexão sobre os impactos do bullying na vida dos jovens e suas relações com a perpetuação dessas práticas. Por conseguinte, é importante lembrar que estar se vivendo em uma época

de mudanças aceleradas, o que torna as referências rapidamente ultrapassadas para orientar a vida dos adolescentes que vivem em uma realidade em contínua transformação (Silva, 2010).

Desta forma, salienta-se a importância de se compreender as transformações culturais, sociais e tecnológicas que impactam significativamente a maneira como os jovens vivenciam o mundo e se relacionam entre si. Portanto, a abordagem do tema do bullying entre os jovens deve levar em consideração não apenas as questões mais tradicionais, mas também os novos desafios trazidos pela contemporaneidade.

Conforme os estudos de Catini (2004), no início do século XXI, percebe-se que muitas pessoas tendem a encarar essa forma de violência como algo inerente às relações escolares, como se fosse uma parte natural e inevitável da vida dos alunos. Essa percepção pode levar à crença de que as crianças e adolescentes deveriam estar automaticamente preparados para lidar com situações de bullying.

Essa visão negligencia, no entanto, o profundo impacto que ele pode ter na saúde emocional, psicológica e física das vítimas, não devendo, de forma alguma, ser considerado como algo natural ou aceitável no ambiente escolar. Concepções deste tipo servem para alertar a necessidade da compreensão do bullying como um problema sério que requer intervenções eficazes, que é isso o que ele realmente se mostra ser.

Percebe-se, então, que quando há o conciliamento dessa visão negligenciada e o acréscimo de uma omissão dos pais como reais educadores, apresenta-se um cenário que problemático, pois, segundo Silva (2010),

Dentro do universo de valores do passado, as escolhas eram mais claras e restritas. Os modelos ideológicos eram mais rígidos e menos democráticos, porém mais explícitos e determinados. Dessa maneira, a educação, de forma geral, era bem mais facilitada para os adultos que tinham que exercer o papel de educador (Silva, 2010, p. 40-41).

Nessa perspectiva, observa-se uma complexidade crescente na problemática, uma vez que, de acordo com a autora, os modelos ideológicos e os valores eram mais rígidos e explícitos no passado, o que poderia proporcionar uma maior clareza e direção no processo formativo. No entanto, é importante considerar que essa clareza e direcionamento podem ser acompanhados por rigidez e limitação da criatividade e da individualidade, aspectos que a educação contemporânea busca abordar de forma mais ampla e inclusiva.

Dessa forma, pode-se compreender que anteriormente existia uma aparente estabilidade e uma clareza no repasse de certos valores tradicionais, o que resultava, em parte, em um parcial controle das ações dos jovens. Mas, as rápidas e complexas evoluções das mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas provocaram transformações significativas na educação, ressaltando os problemas já presentes, o que os levaram a um agravamento. Em um curto espaço de tempo, surgiram novos valores e referências, os quais passaram a fazer parte do processo educacional dos jovens daquela época (Silva, 2010).

Acompanhado essas mudanças, um fator preocupante se tornou mais frequente tanto no ambiente escolar quanto do familiar, sobretudo, neste último apontado, a permissividade e a passividade dos pais diante de filhos que praticavam e praticam bullying, isso implica em consequências significativas no aumento dos casos. Logo, quando os pais não estabelecem limites claros para seus filhos e não demonstram firmeza ao lidar com comportamentos agressivos, os jovens podem interpretar isso como um sinal de que suas ações são toleradas. Antes, é pertinente relatar que “o bullying sempre existiu nas escolas; no entanto, somente há pouco mais de trinta anos começou a ser estudado sob parâmetros psicossociais e científicos [...]” (Silva, 2010, p. 125).

Mas, a interpretação antes mostrada, os leva os agressores a uma falta de responsabilização e de entendimento das consequências de suas atitudes, tal entendimento contribui para a continuidade do comportamento prejudicial. Consoante explica Silva (2010), um dos motivos para essa permissividade está em

Os pais, em sua grande maioria, agem dessa forma sob a alegação de que não querem ferir a sensibilidade dos filhos ou para evitar desavenças familiares. Outros, ainda, assim o fazem como forma de compensar o período em que estão ausentes ou distantes dos filhos por motivos profissionais (Silva, 2010, p. 44-45).

Pelo excerto acima, a teórica aponta que se justifica essa permissividade por preocupações com a sensibilidade das crianças e a manutenção da harmonia familiar. No entanto, agir dessa forma pode ter o efeito oposto ao desejado, porque evitar confrontos ou limites, pode transmitir a mensagem de que as ações dos filhos são normais, mesmo quando prejudiciais. Outrossim, a busca por compensar a ausência por motivos profissionais pode levar os pais a adotar uma postura de indulgência, com a intenção de garantir a afeição dos filhos, sem perceber que isso pode resultar em um ambiente permissivo que tolera tudo.

Todo esse cenário culmina em um espaço privilegiado para a continuação das práticas danosas do bullying, a saber, “a escola também pode favorecer a vitimização ao reforçar crenças aprovando a agressão, promovendo um clima escolar de hostilidade e com pouco apoio entre pares” (Cunha, 2018, p. 22-23). Quando a escola não aborda ativamente o bullying, ou mesmo reforçar crenças que aprovam a agressão, ela pode inadvertidamente contribuir para um clima escolar hostil, onde as vítimas se sentem vulneráveis e desamparadas. É por esse motivo que Silva (2010) assevera que

As escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo, a mentalidade da educação formal (Silva, p. 45, 2010).

Assim sendo, Silva (2010) está ressaltando que quando se considera o tratamento do bullying, deve-se promover uma mentalidade de educação que vá além do simples ensino de conteúdos. O combate ao bullying demanda a promoção de valores como respeito mútuo, empatia, compaixão e inclusão. Portanto, a mentalidade da educação formal deve incluir não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a formação de indivíduos éticos, capazes de conviver de maneira saudável e respeitosa, isso requer esforço.

Cabe lembrar que, de acordo com Silva (2010), as relações interpessoais entre os jovens contemporâneos são influenciadas de forma significativa pelo poder de influência exercido pelos amigos ou grupo de amigos, em uma magnitude superior à vista em gerações passadas. Por conseguinte, evidencia-se como as relações sociais desempenham um papel crucial na formação da identidade e comportamento dos jovens atualmente, e isso pode estar intimamente ligado ao fenômeno do bullying.

Essa realidade salienta a importância de se incluir a temática das relações interpessoais e da influência do grupo de amigos no contexto do bullying nos programas educacionais. Já que devido ao avanço das mídias sociais, a influência dos amigos e do grupo social na vida dos jovens se estende para o ambiente online, Assim, possibilita um agravo na problemática, com o advento do cyberbullying, surgem novas dinâmicas e os desafios das relações sociais se ampliam ainda mais, bem como a dificuldade de seu tratamento.

O cyberbullying envolve a utilização de tecnologias digitais para intimidar, assediar, humilhar ou difamar outras pessoas, e é particularmente prevalente entre os jovens. Silva (2010), acrescenta que

Os praticantes de cyberbullying, ou “bullying virtual”, utilizam os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa ou móvel) com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas (Silva, 2010, p. 93-94)

O cyberbullying, como exposto acima, representa uma forma covarde e prejudicial de agressão que utiliza os avanços tecnológicos para disseminar formas de constrangimento, humilhação e maltrato. Ao explorar as ferramentas mais atuais e modernas da internet e das comunicações móveis, os praticantes de cyberbullying encontram meios de alcançar suas vítimas em espaços onde antes não conseguiam.

Além disso, a natureza virtual do cyberbullying pode causar um impacto ainda mais prejudicial, uma vez que as agressões podem se espalhar rapidamente, atingindo um grande público, e muitas vezes, permanecer registradas na internet por longos períodos de tempo. Somado ao fato de que os agressores se escondem por trás de perfis anônimos, o que torna ainda mais complicado lidar com esse problema, pois dificulta a responsabilização de suas ações. Desse modo, essa grande exposição pode ter sérias consequências para a saúde mental e emocional das vítimas, aumentando o potencial de trauma e impactos psicológicos profundos.

Quando todos esses fatores por trás do fenômeno bullying são negligenciados, as consequências são significativas e de amplo alcance. Desta forma, ao negligenciar-se a atenção para com as nuances das relações interpessoais, com questões de autoestima, tolerância e respeito, pode resultar em um ambiente propício para a perpetuação do bullying. Isso, por sua vez, pode levar a sérias repercussões para as vítimas, incluindo danos emocionais, sociais e até mesmo físicos permanentes.

Por isso, Silva (2010) destaca as sérias consequências psíquicas e comportamentais do bullying, enfatizando que a prática pode agravar quadros preexistentes de baixa autoestima em alunos-alvos. Os impactos psicossomáticos são evidentes, incluindo sintomas como cefaleia, cansaço crônico e insônia. Além disso, transtornos como o pânico, fobia social, fobia escolar, transtorno de ansiedade generalizada e depressão podem se desenvolver como resultado do bullying.

Além desses efeitos nas vítimas, segundo Assis (2010), para os agressores as consequências também são ruins, posto que

Ainda com referência aos agressores, vários estudos confirmam a ideia de que é de se prever que os jovens que são agressivos com os seus pares (os bullies) correm um risco claramente maior de mais tarde se envolverem em outros problemas, tais como a criminalidade, o uso de drogas ou o comportamento agressivo em família. Trata-se, portanto, de um problema social grave que extravasa o âmbito escolar e pessoal (Assis, 2010, p. 111).

Esses resultados indicam que o bullying não apenas afeta imediatamente a vítima, mas também pode ter ramificações de longo prazo para o agressor e para a sociedade em geral. Portanto, é fundamental abordar de forma abrangente o bullying, visando não apenas as vítimas, mas também os agressores, a fim de prevenir a perpetuação desses comportamentos e reduzir os impactos.

Em vista de toda discussão proposta até este dado momento, valendo-se de teóricos, apontamentos e argumentos, urge a proposta de realizar uma análise aprofundada do fenômeno do bullying, conciliada ao ramo acadêmico crítico-literário. Para tanto, utilizar-se-á da sociocrítica para a análise literária da obra *Os Treze Porquês*, para que se compreenda como a representação do bullying e o seu negligenciamento contribuem para a formação da estrutura narrativa, bem como essas influências refletem o mesmo tratamento dispensado na realidade, estas questões serão aprofundadas no capítulo a seguir.

4. O BULLYING COMO FORÇA MOTRIZ: sua representação e negligência na obra Os Treze Porquês de Jay Asher

Este capítulo encerra essa análise, abordando a temática emergente do bullying e a representação dessa forma de violência na obra de Asher. Por meio de uma análise aprofundada, este capítulo visa elucidar a maneira como o bullying é retratado na narrativa e como a negligência diante desse fenômeno pode ser considerada uma força motriz para os eventos desencadeados na história. Além disso, pretende-se oferecer reflexões sobre as realidades apresentadas na trama e a reflexão sobre a importância do combate ao bullying.

4.1 Análise da Representação do Bullying na obra

A compreensão do que constitui uma representação dentro da ficção literária é ampla e as perspectivas filosóficas e sociológicas desempenham um papel de destaque. Neste contexto, a abordagem sociológica servirá de base para a análise aqui proposta, que a partir dos estudos sociológicos relacionados à representação na literatura, assim, busca-se entendê-la não apenas como uma mera descrição, mas como uma transmutação das estruturas sociais, das relações de poder, das dinâmicas culturais e das tensões políticas de uma determinada sociedade para o literário.

Posto que já foi definido no outro capítulo que a literatura é também um produto social, e por isso ela acaba exprimindo as condições de cada civilização em que ela ocorre. Em outras palavras, a produção literária não ocorre em um vácuo, mas é profundamente influenciada pelo contexto social, político, econômico e cultural no qual os autores estão inseridos. Dessa forma, a literatura não apenas entretem e educa, mas também oferece marcas das questões e dilemas de uma sociedade em um determinado momento histórico. Portanto, a partir de agora será buscada uma análise sobre como o fenômeno bullying é representado na obra, considerando como ele é percebido e transmitido aos leitores.

A ocorrência do termo "bullying" na obra é esporádica, sendo mencionado apenas uma vez e em um estágio avançado da narrativa, em "Bullying. Drogas. Autoimagem. Relacionamentos [...] (Asher, 2009, p. 105). No entanto, a temática está constantemente presente por meio das diversas interações entre os jovens da

escola ambientada nos Estados Unidos. Para que se tenha dimensão disso, valer-se-á de dados momentos da narrativa, a fim de que se comprehenda essa ocorrência a qual é centrada em torno de Clay Jensen, um estudante do *High school* que recebe uma caixa de fitas cassette enviada por Hannah Baker, uma colega que cometeu suicídio. Nas fitas, Hannah narra os 13 motivos que a levaram a tomar essa decisão. Então, Clay precisa ouvir todas as fitas para entender o que realmente aconteceu com ela, assim ele percebe o quanto a garota sofreu naquela escola por causa do bullying e outras problemáticas.

A protagonista Hannah Baker passa por diversas situações que corroboram para um desfecho trágico, pequenos casos que logo tornam-se grandes problemas, todos eles tendo como ato embrionário o bullying. Ela, mediante fitas deixadas após sua decisão de suicídio questiona: “me digam, o que vocês queriam ouvir? Porque eu ouvi tantas histórias que não sei qual é a mais famosa. Mas sei qual é a menos. A verdade”. (Asher, 2009, p. 24). Neste momento da narrativa, percebe-se uma referência clara do bullying moral expresso por meio da difamação da personagem, através da menção de que a protagonista ouviu tantas histórias que não sabe qual é a mais famosa, mas sabe qual é a menos: a verdade a seu respeito.

Desta maneira, aponta-se que histórias distorcidas ou difamatórias sobre ela são frequentes, enquanto a verdade é ignorada ou subestimada. Dessa forma, o bullying se materializa por meio de difamação, fofocas e atitudes que visam prejudicar a reputação e integridade emocional de um indivíduo, no caso, de Hannah, uma adolescente do *High School*, equivalente ao Ensino Médio brasileiro. Essa percepção é ressaltada pela ótica de Clay, o outro protagonista da trama, quando diz: “ainda posso ver Justin numa rodinha com os amigos na escola. Lembro de Hannah passar e o grupo inteiro parar de conversar”. (Asher, 2009, p. 24).

O bullying aqui apresentado, trouxe para a personagem um estigma, que de acordo com Goffman (2004) são padrões que determinam a categorização das pessoas com base em atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada grupo. Os ambientes sociais, por sua vez, definem as categorias de pessoas que tendem a ser encontradas neles e aqueles que por alguma razão física ou comportamental de desvia desses padrões são estigmatizadas. Portanto, Hannah foi alvo de estigmatização por seus colegas de escola devido a um boato, algo trivial que acabou assumindo proporções significativas.

Esse fato serve para ilustrar que a experiência da personagem não era mera paranoia, conforme é mostrado depois: "uma semana se passou e não ouvi nada. Mas, no final, como sempre acontece, os boatos chegaram até os meus ouvidos. E todo mundo sabe que é impossível desmentir um boato". (Asher, 2009, p. 24). No entanto, é por meio de Clay, um personagem masculino, os olhos e ouvidos do leitor, que a história de Hannah é revelada, mostrando como ela estava sendo desmoralizada e sua reputação sendo arruinada.

Por essa perspectiva, segundo Goffman (2004, p. 7), "um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus". Hannah mesma ratifica essa teoria, quando esboça: "um boato baseado num beijo criou uma reputação. As outras pessoas acreditaram nela e reagiram de acordo com ela. E, às vezes, um boato baseado num beijo tem um efeito bola de neve." (Asher, 2009, p. 25). Uma vez que passaram a tachá-la de piranha, de experiente e de garota dada a depravações, algo que somente piorou no avanço da narrativa.

A presença do bullying na situação descrita é evidente, pois o boato que circula sobre Hannah e o beijo cria uma reputação negativa em torno dela; assim as outras pessoas acreditam nesse boato e começam a reagir de maneira hostil e discriminatória, intensificando ainda mais o impacto das ações de bullying sobre a personagem. Por essa razão, manifesta-se na "relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste". (Candido, 2004, p. 51).

Durante o desenrolar da narrativa, outras manifestações de bullying moral e psicológico vão se revelando. Além do boato inicial sobre o beijo, Hannah é alvo de outras situações humilhantes, como quando é votada, de forma constrangedora, como tendo a melhor bunda do primeiro ano. Essas "brincadeiras" são exemplos claros de bullying moral, já que são ações que visam ridicularizar e diminuir a autoestima da personagem.

A saber, ela descreve melhor essa situação: "tenho certeza que você não sabe por que está aqui, Alex. Você provavelmente acha que fez uma coisa boa, certo? Você votou em mim como a melhor bunda do primeiro ano". (Asher, 2009, p. 29). Essa cena se dá em sala de aula e ela continua: "mas eu vi o papel sendo passado de mão em mão. Uma única folha, correndo para cima e para baixo entre

as fileiras". (Asher, 2009, p. 30). Essa ação se dá em sala de aula, os alunos não demonstram o menor receio, passa-se a pensar, então, no que é possível fazerem nos corredores da escola.

O ato de votar em Hannah como tendo a melhor bunda do primeiro ano e a passagem do papel de mão em mão ilustram como o bullying pode ser disseminado e perpetuado por meio de ações que buscam causar constrangimento e exclusão. O comportamento dos colegas de escola de Hannah se torna parte de um ciclo vicioso, alimentando a marginalização da personagem e intensificando seu sofrimento psicológico, essa situação, por falta de remediação, piora.

A atitude dos estudantes reflete claramente "as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais" como destacado por Candido (2006, p. 31). A cultura da objetificação sexual e a aceitação tácita desse comportamento por parte dos demais estudantes desencadeiam um ciclo de bullying que ampara e reforça um ambiente escolar hostil e degradante, o que demonstra como fatores sociais e culturais têm um impacto direto em perpetuar o sofrimento de vítimas como Hannah.

Além de passar pela experiência traumática de ter sua reputação arruinada pouco a pouco na obra, ela sofre com o bullying físico, o que agrava sua situação na escola. Ao ser agredida por uma colega de sala, ela descreve que a agressora "se levantou e ficou ao lado da minha cadeira – me encarou a baixo – e soltou o braço". (Asher, 2009, p. 49). A descrição da outra personagem ficando ao lado de sua cadeira, depois a agredindo, expresso em "soltou o braço", demonstra a invasão de espaço pessoal, a intimidação e o desrespeito físico, isso motivados por situações mais triviais possíveis, mas ainda assim é reflexo da reputação arruinada da personagem.

Essa agressão resulta em marcas físicas, dito por ela em "aquela cicatriz fininha que vocês viram em cima da minha sobrancelha é a marca da unha da Jessica...". (Asher, 2009, p. 49). A revelação de que a cicatriz na sobrancelha de Hannah foi resultado das unhas de Jessica aponta para um ataque direto e intencional à integridade física da protagonista. Esse tipo de agressão física, além de deixar marcas visíveis, pode causar danos emocionais e psicológicos profundos, que a narrativa evidencia ao longo de sua trama.

De acordo com Candido (2014) no romance, o escritor estabelece uma lógica e coerência na construção das personagens, delimitando suas curvas de existência e natureza de modo fixo. Dessa forma, a interpretação das personagens pode variar

relativamente, mas o autor define uma coerência interna que perdura. Portanto, ao longo da narrativa, o tema do bullying gradualmente se intensifica, e a personagem Hannah passa a sofrer com essa problemática em diversas situações. No entanto, o aspecto que se destaca de forma mais impactante ao longo da história é o bullying sexual, por consequência, esse tipo de abuso se torna um elemento central na trajetória da personagem, provocando um profundo impacto em sua vida e gerando consequências significativas para sua saúde mental e bem-estar emocional.

4.1.1 Função do Bullying como gerador da estrutura narrativa

No contexto da narrativa, o bullying desempenha um papel significativo, pois atua como um gerador central da estrutura narrativa. A presença dessa forma de violência nas interações entre personagens resulta em desdobramentos emocionais, psicológicos e comportamentais que impulsionam a trama da história. Dessa forma, é essencial compreender a função do bullying como um elemento dinâmico que contribui para a elaboração de conflitos e desenvolvimento dos personagens ao longo da narrativa.

Ademais, Hannah Baker desempenha um papel crucial na trama ao se tornar uma ferramenta para expor os impactos do bullying e confrontar os agressores, explicado pelo fato de que as fitas gravadas antes de seu suicídio a transformam em uma espécie de justiceira, dando voz às experiências que a levaram ao seu trágico desfecho a cada um de seus agressores.

Portanto, ao compartilhar as fitas com os indivíduos que a feriram, Hannah busca provocar uma profunda reflexão sobre suas ações e seu impacto nas vidas das pessoas ao seu redor. Essa abordagem permite que a personagem sirva não apenas como uma figura vingativa, mas também como uma que traz a possibilidade de mudança e de aprendizado.

No entanto, a dualidade entre justiça e revanche é uma faceta complexa que se desdobra ao longo da narrativa, destacando-se como um elemento essencial para a compreensão das motivações e consequências das ações de Hannah. Através desse enfoque, a trajetória da personagem se revela como um mecanismo engenhoso para explorar as nuances morais e emocionais subjacentes ao tema do bullying, que oferece aos personagens e aos leitores a oportunidade de reexaminar suas atitudes e compreender o impacto de suas escolhas.

Ela, inicialmente, apela para a consciência dos seus algozes, quando os esclarece que: “não tomei essa decisão no calor do momento. **Não me menosprezem...mais uma vez**”. (Asher, 2009, p. 12, grifo nosso). Porque em certos casos a vítima tem sua fala enviesada e deturpada para que caia em descrédito. Cabe, então, “aos adultos desenvolver um olhar mais atento para todas as atitudes desses jovens que manifestam um comportamento defensivo em relação às dificuldades psicológicas vividas no dia a dia”. (Silva, 2009, p. 50).

Nesse embate, ela continua esboçando a importância da empatia, porque “[...] talvez pareça um papel pequeno agora, mas é importante. No fim, tudo tem importância”. (Asher, 2009, p. 14). A personagem desejava que seus colegas percebessem que, por mais que suas ações possam parecer apenas brincadeiras ou piadas, elas afetam o outro, pois no final, tudo é relevante.

Para tanto, a personagem utiliza diversas indagações para estimular seus colegas a repensar suas percepções distorcidas sobre ela. Ao questionar: “Hannah Baker não é, nem nunca foi, uma piranha. O que nos leva à seguinte questão: O que foi que vocês ouviram dizer?”. (Asher, 2009, p. 20). Adiante ela faz a mesma coisa em “tenho certeza que você não sabe por que está aqui, Alex. Você provavelmente acha que fez uma coisa boa, certo? Você votou em mim como a melhor bunda do primeiro ano”. (Asher, 2009, p. 29). Essas indagações provocativas são uma tentativa de fazer com que seus colegas reflitam sobre as consequências de suas palavras e ações, e como essas influenciam a forma como ela é percebida.

Dá-se, então, a necessidade de compreender que para a arte literária os elementos individuais ganham importância social quando atendem às necessidades coletivas, e essas necessidades, ao serem atendidas, permitem que os indivíduos se expressem e encontrem aceitação no grupo (Candido, 2006). Logo, as necessidades sociais muitas vezes exigem a contribuição e participação de indivíduos com diferentes combinações de talentos e qualidades. Nesse contexto, a obra terá um espaço para se expressar e ser reconhecida dentro do grupo quando suas contribuições são valorizadas e atendem às necessidades coletivas.

Assim, o fazer literário permite conceber essa visão, ao passo que a literatura se engaja e está interessada em trazer da percepção daquele que a produz e daqueles que as recebem uma interação, nada mais válido que trazer o mundo desses, contudo, modificado para o campo literário. Dito isso, Hannah volta-se para a sua empreitada de combate aos excessos do bullying, “e vocês – o resto –

repararam nas cicatrizes que deixaram para trás? Não. Provavelmente não. Não foi possível. Porque a maioria delas não pode ser vista a olho nu". (Asher, 2009, p. 50).

Aqui ela sugere que embora as pessoas possam deixar marcas em suas interações com os outros, essas marcas não são facilmente reconhecidas pela maioria das pessoas. Por essa razão, é necessário pensar-se sobre elas já que, segundo Silva (2010), nossas relações interpessoais exercem uma influência significativa na biologia do cérebro. Quanto mais próximos estamos das pessoas, maior é o impacto dessa influência em toda a atividade cerebral.

Como indicado previamente, há controvérsias em relação à conduta de Hannah ao gravar essas fitas. Portanto, é importante apresentar o ponto de vista contrário, já que seria pertinente questionar se essa ação pode ser interpretada como um ato de bullying. Acredita-se que Hannah apresenta uma postura em momentos vingativos, embora contraditório, dado que ela já teria tomado a decisão de suicidar-se, quando os seus colegas ouviram as fitas.

Observa-se que a perspectiva apresentada da protagonista é que, mesmo após sua própria tragédia, ela optou por atingir aqueles que continuaram vivendo, que pode gerar diversas interpretações. Esse ponto de vista é respaldado em "para Hannah, o mundo acabou mesmo. Mas para Jéssica não. Ele continuou. **E, aí, Hannah acertou a cara dela com estas fitas**". (Asher, 2009, p. 152, grifo nosso). Após enfrentar sua própria tragédia, ela decidiu expor detalhes e questões dolorosas sobre aqueles que continuaram vivendo, em um ato que pode ser visto como justo ou vingativo.

Assim, ela assume o papel de fazer valer os velhos ditos populares, como "Bateu, levou" ou "Tudo o que vem tem volta" (Silva, 2009). Além disso, continua confrontando-os com frases como "vocês me trataram como sempre me trataram. Vocês se lembram da última coisa que disseram para mim?". (Asher, 2009, p. 172), por uma busca de mudança positiva no comportamento deles. Caso não ocorra, a alternativa será a exposição pública de suas ações erradas, levando ao ridículo e, possivelmente, a consequências ainda mais sérias. Por conseguinte, quando Hannah afirma "muitos de vocês se importaram comigo, mas não o bastante. E isso... isso é o que eu precisava descobrir". (Asher, 2009, p. 188). Pode ser vista e apontada como um ato de vingança devido à ênfase na mágoa e na decepção expressas pelo personagem.

Ao afirmar que muitas pessoas se importaram com ela, mas "não o bastante", a personagem revela ressentimento e descontentamento em relação à falta de apoio ou consideração que sente ter recebido. Por esse motivo, ao proferir essas palavras, ele parece estar direcionando uma espécie de punição emocional às pessoas que não corresponderam a ela a devida importância, fazendo-os perceber a profundidade de sua mágoa e o impacto de suas ações ou omissões.

Dessa forma, a personagem deixa clara a sua determinação em "controlar o modo como as pessoas me enxergavam". (Asher, 2009, p. 18). Ela busca impor sua vontade e influenciar seus colegas a mudar suas percepções e atitudes em relação a ela, mesmo que forçosamente. Em vista disso, essas suposições somente são possíveis, porque Clay, sendo uma espécie de narrador primário, questiona veementemente as intenções dela.

Após as discussões sobre o bullying, pode-se compreender que ele desempenha um papel fundamental como gerador do enredo da história, justamente porque ele serve como um catalisador para os conflitos, as emoções e os eventos que impulsionam a narrativa e influenciam profundamente o desenvolvimento dos personagens. A agressão, a exclusão social e os danos emocionais causados pelo bullying moldam as personalidades e os comportamentos dos personagens principais, criando um contexto onde questões como a busca por justiça, o impacto do comportamento humano e as relações interpessoais são exploradas.

Mas, percebe-se uma problemática que permeia toda a percepção da obra, seja no tocante aos processos internos, seja nas influências externas. Por isso, ela levanta questões sobre a forma que o bullying foi enfrentado, tanto na escola quanto nos locais extraescolares que esses alunos frequentavam. Para isso, necessita uma abordagem detalhada acerca do mal-enfrentamento aos atos de bullying, não apenas na história em si, mas também na apresentação dele por seu autor, como abordar-se-á no seguinte tópico.

4.2 Consequências do mal-enfrentamento do Bullying na obra

Diante dessa realidade discutida até aqui, salienta-se a importância de analisar as consequências do mal-enfrentamento do bullying e sua influência nas vidas dos indivíduos, especialmente no ambiente escolar, onde ocorre a maior parte da trama feita por Jay Asher. Nesse sentido, este tópico propõe-se a realizar uma

análise aprofundada das repercussões negativas que surgem a partir do mal-enfrentamento do bullying.

A princípio, explorar-se-á em como a percepção do narrador Clay diante do bullying influencia na maneira como se percebe as consequências dele, bem como o perfil que se traça da vítima. Por vezes Hannah é levada a uma reputação de menina sem pudor e dada a muitos parceiros, essa perspectiva é apresentada por Clay, o garoto que ouve as suas fitas, ele relata que “[...] ela era tão nova na escola que os boatos ofuscaram todo o resto que eu sabia a seu respeito. Hannah estava além do meu alcance, deduzi. **Experiente demais** para pensar em mim”. (Asher, 2009, p. 24, grifo nosso).

Em outros momentos ela se apresenta como alguém boba, posto que declara: “se você acha que sou uma garotinha estúpida que faz o maior escândalo por causa de uma coisinha mínima, levando tudo a sério demais [...]”. (Asher, 2009, p. 29). Dado que, é essa visão que se constroi acerca das vítimas, muitas vezes, de que está exagerando, que não sabe levar na esportiva. Mas a frente Clay corrobora essa ideia, quando ele critica a indignação de Hannah frente ao bullying sofrido ao dizer que “a lista do Alex era uma brincadeira. Uma brincadeira de mau gosto, é verdade. Mas ele não sabia que afetaria Hannah dessa maneira. Isso não é justo”. (Asher, 2009, p. 32).

Assim, percebe-se neste trecho que há uma tentativa de minimizar a responsabilidade de Alex sobre o impacto do bullying na vida de Hannah, podendo ser prejudicial ao debate sério sobre o tema. Ao sugerir que a ação de Alex - a lista difamando-a - tenha sido apenas uma brincadeira de mau gosto e que ele não tinha intenção de afetar Hannah daquela maneira, há o risco de diminuir a atenção dada ao impacto real do comportamento de Alex sobre a saúde mental e emocional de Hannah.

Essa forma de abordagem pode criar uma narrativa que negligencia a gravidade do bullying e seus efeitos nocivos e, assim, poderia gerar um ambiente em sala de aula onde a seriedade do tema não é devidamente reconhecida. Já que “o bullying tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”. (Silva, 2010, p. 13).

Por esse motivo, como leitores, há um convite a refletir sobre as situações apresentadas no contexto ficcional, para analisar não apenas os eventos em si, mas também as mensagens mais amplas que se pretende transmitir. Nesse caso, a

maneira como se retrata o impacto do bullying na vítima, nos agressores e na comunidade ao redor pode ter um efeito significativo nos leitores, tanto para aceite ou não dessa visão.

Por conseguinte, a obra literária, como comunicado, visa evocar certas emoções, transmitir ideias e despertar reflexões no público leitor (o comunicando). Outrossim, ao ler sobre o bullying no contexto de *Os treze porquês*, os leitores são convidados a se colocar no lugar dos personagens, a empatizar com suas experiências e a considerar as mensagens e preocupações subjacentes, é nessa atitude que a literatura se engaja, mesmo que indiretamente, dos assuntos sociais.

Portanto, dá-se uma importância ao modo como se apresenta tais assuntos, visto que pode influenciar a percepção do público sobre a seriedade do bullying e suas consequências, mesmo que estejam lidando com uma história ficcional, ou, em certos casos, trazer uma visão distorcida do real problema dessa atitude. Então, Clay revela mais uma vez sua passividade diante do que sofriam seus colegas, ele declara que “mas, em vez disso, todas as vezes finjo que não estou vendo. O que eu poderia fazer?”. (Asher, 2009, p. 38). Nesse momento, percebe-se em Clay o que foi proposto acerca do espectador passivo, porque não tem parte em apoiar o agressor, mas não faz nada para ajudar a vítima, isso pode ser explicado pelo medo de tornar-se alvo dessas ações, afinal, o jovem afirma desconhecer o que deve ser feito.

A negação ou o ato de fingir que não está vendo situações de bullying pode ser interpretado como uma forma de negligência em relação ao problema. Ignorar ou minimizar o bullying pode contribuir para a perpetuação do comportamento prejudicial, causando danos significativos à vítima. Quando alguém finge não ver o bullying, está, efetivamente, permitindo que o comportamento inadequado continue sem enfrentar as consequências apropriadas.

A omissão só serve para alimentar a impunidade e contribuir para a proliferação da violência por parte dos agressores, criando um ciclo vicioso de atos de bullying (Silva, 2010). A negligência e a omissão em relação ao bullying permitem que o problema persista e se intensifique, podendo escapar ao controle, como é retratado na obra de Asher. Ao escolher não intervir, o personagem se vê, após a situação piorar, tomado pelo remorso ao perceber que poderia ter agido de forma diferente, como expresso em sua declaração: "eu deveria ter apanhado todas as

cópias que pudesse encontrar e jogado fora". (Asher, 2009, p. 48). No entanto, ele não tomou nenhuma atitude quando pôde antes.

Apesar do arrependimento de Clay, outros personagens não compartilham desse sentimento, mas, em vez disso, culpam e atribuem a Hannah a responsabilidade integral pelo trágico desfecho de sua vida. Um deles, Marcus, chegou a dizer: "[...] é ridículo. Eu não pertenço a essas fitas. Hannah só queria um motivo para se matar". (Asher, 2009, p. 75). Essa atitude de culpar a vítima contribui para a perpetuação do bullying de várias formas: primeiramente, ao culpar a vítima, os agressores e até mesmo os espectadores minimizam a seriedade do problema, que desvia a responsabilidade e justifica o comportamento inadequado.

Essa atitude cria um ambiente em que o bullying é tolerado e não é confrontado de maneira eficaz. Além disso, ao culpar a vítima, desencoraja-se outras pessoas que estejam sofrendo bullying a buscarem ajuda, pois temendo serem culpadas ou não levadas a sério, elas podem se sentir isoladas e desamparadas. Por isso, esse processo de produção e interação entre autor, obra e público, no tocante aos dois primeiros, é bem explicitado por Bakhtin ao explicar que

o contexto real de valores que dá sentido à obra do autor nunca coincide com o contexto estritamente literário, e menos ainda se este é entendido de um modo real-material; este contexto, claro, insere-se com seus valores no primeiro, onde entretanto figura na qualidade de determinado e não na de determinante; o ato-criador deve determinar-se também nesse contexto literário real-material, deve ocupar nele também uma posição de valor, mas nem por isso essa posição deixa de determinar-se em função de uma posição mais fundamental do autor no acontecimento da existência, nos valores do mundo (Bakhtin, 1999, p. 210).

Portanto, conforme ao autor supracitado, o "contexto real de valores" se refere à vida, às experiências, às crenças e aos valores do autor. Isso inclui tudo o que o autor vivenciou, acreditou e valorizou ao longo de sua vida; por outro lado, o "contexto literário real-material", é onde a obra do autor existe. Nesse caso, seria o mundo da literatura, as influências literárias na época em que o autor está escrevendo e todos os elementos que afetam a forma como a obra é criada e recebida.

Dessa forma, esses dois contextos não estão separados, porém, o contexto do autor (sua vida, valores e crenças) não é o único fator que determina a obra literária. A obra também é influenciada pelo contexto literário em que está inserida, pelas expectativas do público, pelas convenções e tendências literárias, entre outros

aspectos. Por essa razão pode-se conceber o ato criador tão complexo, uma vez que está inserido em diversos contextos que o influenciam.

No entanto, exigir um comportamento maduro apenas desses jovens adolescentes até agora não se mostrou sensato, considerando a necessidade de reexaminar as ações da escola para prevenir tais comportamentos e o que os responsáveis fizeram para evitar que o pior acontecesse com Hannah Baker. Há um ressalte disso quando depara-se com a seguinte cena descrita no livro novamente: "mas eu vi o papel sendo passado de mão em mão. Uma única folha, correndo para cima e para baixo entre as fileiras". (Asher, 2009, p. 30).

Uma cena típica de papel difamatório passando na sala de aula, nele estava elegendo Hannah a menina de maior bumbum, em termos mais eufêmicos que o livro. Em sala de aula, o que fica evidente é que não foi tomada nenhuma atitude quanto a isso, apenas mais humilhação dado que ela "estava criando uma reputação e tanto, em pouquíssimo tempo". (Asher, 2009, p. 30), segundo o personagem Clay. Porque, na maioria das vezes essas atitudes são tratadas assim: "eu a passei adiante, para a carteira seguinte, sem pensar em nada. Naquele momento parecia meio engraçado". (Asher, 2009, p. 47). Uma das razões por ocorrer tanto, pois não se percebe a grandeza do problema, até as consequências surgirem, como ocorre.

Assim, se a escola não faz nada, não pode-se esperar algo diferente dos que assistem esse cenário, quando se depara com um estabelecimento que recebe muitos desses alunos, embora espere algo diferente, "com todas essas histórias, parecia que a Rosie [local o qual recebia os estudantes da escola de Hannah] fingia não ver nada do que se passava por lá, desde que os sorvetes estivessem nas casquinhas e os hambúrgueres estivessem sendo virados na chapa". (Asher, 2009, p. 91). Diante disso, pode-se pensar em que histórias está se tratando, a saber, são de bullying, assédio e agressões, contudo, como visto, o importante são suas vendas, então, do corpo docente deve se esperar uma melhor postura, mas não se vê.

Uma vez que quando o assunto era debatido abertamente em uma disciplina da escola, único momento em que o termo bullying é citado, tem-se a seguinte atitude: "Bullying. Drogas. Autoimagem. Relacionamentos. Todo assunto era válido na comunicação entre jovens. Algo que, obviamente, incomodava muitos dos outros professores. **Era uma perda de tempo**, diziam". (Asher, 2009, p. 105, grifo nosso). Como resultado, a falta de conscientização e comunicação aberta pode permitir que

o bullying continue sem ser devidamente abordado, contribuindo para a perpetuação desse comportamento prejudicial na escola.

Ao final do livro, quando Hannah decidiu buscar ajuda capacitada, ela se sentiu frustrada com a resposta que recebeu, que foi algo como: "Não é deixar pra lá, Hannah. Só que às vezes **não resta nada a fazer a não ser seguir em frente**". (Asher, 2009, p. 187, grifo nosso). Isso a deixou ainda mais abalada, levando-a a expressar sua convicção de que "levar as coisas adiante" era a única opção, já que, se nada pudesse ser mudado, era melhor seguir adiante.

Seu desabafo com o Sr. Porter, seu professor conselheiro, comum nos Estados Unidos, revela a profundidade de sua dor: "Porque eu preciso levar as coisas em frente, Sr. Porter. Se **nada vai mudar**, então é melhor eu levar tudo em frente, certo? - Hannah, do que você está falando? Estou **falando da minha vida**, Sr. Porter". (Asher, 2009, p. 187, grifos nosso). A passagem evidencia a sensação de desamparo e falta de apoio que Hannah experimentou na escola, ressaltando a necessidade de compreensão e empatia ao lidar com questões tão delicadas como as que ela enfrentava.

Nesse momento crucial, após ter enfrentado o tormento do bullying verbal, moral, físico e até mesmo o abuso sexual, Hannah buscou ajuda com alguém em quem depositava sua confiança, apenas para ouvir a sugestão de que nada podia ser feito e que o melhor seria deixar o passado para trás. A sensação de desamparo diante da falta de apoio e compreensão que ela enfrentou acabou ampliando sua dor. Diante desse desencorajamento, Hannah chegou ao ponto em que considerou que acabar com essa dor era a única saída; este impacto será abordado no próximo tópico, último dessa análise.

4.2.1 Impactos psicológicos e sociais na personagem/vítima

Os efeitos nefastos do bullying e do abuso, muitas vezes, vão além do momento do ocorrido, eles causam repercussões emocionais e sociais duradouras; logo, é importante analisar e compreender os impactos psicológicos e sociais sofridos pelas personagens vítimas. Segundo Silva (2010) alguns indivíduos que sofrem bullying ou abuso procuram apoio de profissionais de saúde mental para desenvolver habilidades específicas que os ajudem a lidar melhor com as relações interpessoais.

Já outros desenvolvem transtornos, fecham-se e não conseguem lidar com esse problema de maneira assertiva, esse é o caso de Hannah. Ela começou a dar sinais de desgaste: “explorei vielas e ruas escondidas que nem sabia que existiam. Descobri bairros totalmente novos para mim. E, finalmente... descobre que estava cheia dessa cidade e de tudo o que havia nela”. (Asher, 2009, p. 81).

Neste ínterim, sugere a presença de um sentimento de desconexão e descontentamento com o ambiente e a vida cotidiana. A menção de explorar ruas escondidas e descobrir novos bairros pode ser interpretada como um desejo de escapar do familiar ou como uma busca por uma sensação de novidade e autodescoberta. O sentimento de estar "cheia dessa cidade e de tudo o que havia nela" evidencia um desencanto ou desgaste emocional em relação ao ambiente e à rotina.

Desta maneira, quando Candido (2006) pontua que as ações e características individuais ganham importância na sociedade quando atendem às necessidades coletivas, e em retorno, a interação social permite que os indivíduos se expressem, recebendo reconhecimento e influenciando o grupo. Revela o porquê de tal tratamento ser dispensado ao bullying sofrido por Hannah e o descaso da sua situação psicossocial, uma vez que essa ação perpassa a materialidade dessa obra, ao encontrar correspondência na visão de quem a produz e de quem a faz circular.

Ao passo que os acontecimentos foram acometendo mais e mais, ao longo dos anos do High School, já não suportava mais, ela “já não tem quase mais nenhum controle sobre nada. E, a certa altura, a luta se torna excessiva – cansativa demais – e você considera a possibilidade de largar tudo. Deixar uma tragédia acontecer... Ou seja lá o que for.” (Asher, 2009, p. 85). O bullying pode levar à perda de controle sobre a própria vida, ao desgaste emocional e ao esgotamento, por isso as vítimas de bullying frequentemente se sentem sobre carregadas pela pressão social, isoladas e impotentes para interromper o ciclo de abuso.

Por conseguinte, o constante assédio e as agressões verbais ou físicas podem levar a um estado de exaustão mental e emocional, onde a vítima passa a acreditar que não tem mais controle sobre sua situação. Essa sensação de desespero pode levar a pensamentos de desistência e até mesmo a considerar a possibilidade de permitir que “uma tragédia aconteça”, como mencionado na passagem. Por esse motivo, Silva (2009) ressalta que

Quando um jovem com essa personalidade sofre bullying e não recebe o apoio familiar ou escolar ou o incentivo para desenvolver seus talentos numa ação conjunta para salvaguardar a sua autoestima e despertar o seu poder de resiliência, dificilmente conseguirá acionar mecanismos de defesa positivos que o levem à superação dos obstáculos. Nesses casos, a probabilidade de que ele adoça é enorme (Silva, 2009, p. 60).

Assim, como visto antes, Hannah foi negligenciada de diversas formas, o que fez a chegar neste estado emocional grave. Ante a tudo o que estava passando, ainda ouvia que estava “fazendo tempestade em copo d’água” (Asher, 2009, p. 98). Suas dores estavam sendo menosprezadas, seus traumas negligenciados, então, “[...] certos pensamentos começam a rondar a mente. Será que conseguirei, alguma vez, assumir o controle da minha vida? Será que sempre serei empurrada e maltratada pelas pessoas em que confio?” (Asher, 2009, p. 98).

Esse momento da personagem sugere um sentimento de traição, decepção e isolamento, bem como uma perda de confiança nas relações interpessoais. Uma vez que ela parece estar enfrentando uma crise de confiança e uma sensação de impotência diante das circunstâncias que a cercam. Quando nada é feito, Hannah passa a experienciar sentimentos que não conhecia, algo que acentua sua situação complexa, ela diz: “será que é assim que agente se sente quando enlouquece?”. (Asher, 2009, p. 109). Por isso, Silva alerta que:

[...] a internalização dos sentimentos negativos gerados pela rejeição explícita da prática cruel do bullying se manifestará em forma de adoecimentos psíquicos (já mencionados anteriormente) cujas consequências podem levar a uma vida adulta caótica e sofrível (Silva, 2009, p. 60).

Esse estado de adoecimento expresso pela autora era o que Hannah se encontrava neste momento da narrativa. Assim, a percepção dessa problemática se dá, porque “tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio”. (Candido, 2006, p. 41). Em outras palavras, tanto as crenças e princípios valorizados pela sociedade quanto às habilidades e estratégias de comunicação disponíveis influenciam a maneira como uma obra é criada e recebida, bem como a sua capacidade de gerar impacto e influenciar o ambiente cultural e social.

A negligência exposta fez com que Hannah começasse a dar sinais de que estava sofrendo mentalmente, enfrentando pensamentos dolorosos sobre si mesma:

“foi naquela mesa que os piores pensamentos do mundo entraram, pela primeira vez, na minha cabeça. Foi ali que eu comecei a pensar em... a pensar em... na palavra que ainda não consigo dizer” (Asher, 2009, p. 109). Ela descreve como esses pensamentos invadiram sua mente em um momento específico, levando-a a considerar palavras indizíveis. Diante disso, decidiu que era necessário fazer uma mudança e escolheu mexer em sua aparência, visto que era a “única coisa que eu ainda podia controlar” (Asher, 2009, p. 110).

Mesmo com essa transformação: “quando cortei o cabelo, **minha mãe nem notou**” (Asher, 2009, p. 114, grifo nosso). Esses momentos destacam a busca da personagem em se ajustar à situação, reconhecendo que o problema reside em si mesma. Dado que esse comportamento é comum em vítimas de bullying, que muitas vezes internalizam a culpa e tentam se encaixar nas expectativas alheias. Hannah incorpora esse discurso dominante e busca se adaptar por meio de suas mudanças, além da aparente displicênciia que sua situação foi assistida.

A fim de que se avance para o fim dessa análise, mostrar-se-á o que ocorre quando todos os sinais são dados e ninguém dá a devida importância para eles, porque a protagonista Hannah, cansada de tudo, teve um surto na escola: “eu ouvi falar disso. Hannah perdendo a cabeça, sem nenhum motivo aparente, passando vergonha na frente de todo mundo”. (Asher, 2009, p. 114). Esse é o relato de Clay, ressaltando mais uma vez que algo poderia ter sido feito por ela, mas a omissão mais uma vez surgiu na obra.

Ela escreveu um bilhete que dizia “Suicídio. Tenho pensado nisso. Não muito a sério, mas tenho pensado nisso” (Asher, 2009, p. 114). Assim como não deram devida atenção para o bullying sofrido por ela, não teve tanta importância isso, uma vez que ela escreveu anonimamente e só se preocuparam em descobrir a identidade da pessoa, não o real problema. Disseram: “Parece que essa pessoa que escreveu esse bilhete **só quer atenção**. Se fosse sério ela teria dito quem é” (Asher, 2009, grifo nosso, p. 115). Então, negligenciada em todas as instâncias

Alguns dias antes de comprar os comprimidos, Hannah voltou a ser como antes. Dizia “Olá” para todo mundo nos corredores. Olhava dentro dos olhos de cada um. Parecia algo radical, porque fazia meses que ela não agia daquela maneira. Como a verdadeira Hannah (Asher, 2009, p. 115, grifo nosso).

A trágica realidade ficcional é que a negligência em relação ao bullying teve repercuções devastadoras para Hannah, levando-a a um desfecho que foi muito mais do que uma mera consequência das ações hostis. Sua saúde mental foi afetada de maneira profunda e seus sofrimentos não foram devidamente acolhidos ou tratados, resultando em perdas irreparáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma análise sociocrítica da representação e negligência do bullying na obra *Os Treze Porquês* (2009), a fim de compreender as implicações culturais e sociais dessa temática presentes na estrutura narrativa. Ao avaliar as hipóteses propostas, foi possível constatar que a atenção negligenciada ao bullying, traz implicações desastrosas e, muitas vezes, irreversíveis. Por conseguinte, a obra evidencia de maneira contundente as consequências devastadoras do bullying e ilustra como a negligência desse problema pode agravar ainda mais a situação das vítimas.

Além disso, a representação e a negligência do bullying na obra podem perpetuar estereótipos e preconceitos associados às vítimas. Assim, a forma como as vítimas são retratadas e as interações entre os personagens podem reforçar determinados estereótipos, ressaltando a necessidade de uma representação mais cuidadosa do bullying na literatura, com o fim de evitar a perpetuação de preconceitos.

Já em relação à ausência de consequências e à falta de responsabilização dos personagens agressores na obra, evidencia-se, em partes, que tal cenário reflete uma mensagem contextual de impunidade e tolerância ao bullying presentes dentro das escolas. Portanto, a obra ilustra como a negligência e a impunidade em relação ao bullying podem contribuir para a perpetuação desse problema no ambiente escolar, refletindo problemas sistêmicos da sociedade.

Uma vez que a literatura pode desmantelar estereótipos e preconceitos. Isso permite que os leitores vejam além das aparências e compreendam as motivações e desafios enfrentados pelos outros. Bem como, fornecer uma oportunidade para discussões em sala de aula. Esses diálogos podem sensibilizar os jovens sobre o tema, permitindo que compartilhem suas próprias experiências e se sintam mais confortáveis ao discutir questões de violência e *bullying*.

A integração da teoria sociocrítica e das contribuições teóricas de autores como Cândido (2006), Bakhtin (1997), Compagnon (1999), Silva (2010), Cunha (2018) e os demais foi fundamental para enriquecer a compreensão sobre a representação do bullying na literatura e suas implicações na malha interna da obra, em uma profunda correlação de estudos. Tais referências forneceram as ferramentas conceituais necessárias para analisar de forma crítica e reflexiva a obra

à luz das dinâmicas sociais, do estudo crítico destas presentes na literatura e da imersão no fenômeno estudado.

Diante do exposto, concluiu-se que a obra *Os Treze Porquês* (2009) desempenha um papel relevante na abordagem do tema do bullying, porém apresenta lacunas que merecem atenção. É crucial um diálogo entre literatura e sociedade para problematizar e superar as representações e negligências do bullying, visando contribuir para a construção de ambientes sociais mais seguros. Além disso, o corpo teórico que a sociocrítica dispõe em relação a esse tema ainda é escasso e difícil de encontrá-lo, assim, reforça-se a necessidade de estimular mais estudos nessa perspectiva, visto que foi um problema encontrado.

Por fim, ressalta-se novamente a importância de estudos e reflexões contínuas sobre o bullying na literatura e na sociedade, com a finalidade de promover uma abordagem mais sensível e consciente desse fenômeno e suas implicações para a comunidade escolar e para a sociedade. Por essa razão, este trabalho pode contribuir para a fomentação de novos estudos sobre o tema, bem como alinhados à sociocrítica para que ela venha ser mais difundida.

Referências

- ASHER, J. **Os treze porquês**. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Ática, 2009.
- ASSIS, S. G. DE; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. [s.l.] Editora FIOCRUZ, 2010.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBÉRIS, P.; BARBÉRIS, P. Métodos críticos para a análise literária. **Tradicional. Olinda MR Prata**. São Paulo: Martins Fontes , p. 143–182, 1997.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CATINI, N. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira**. Campinas: PUC-Campinas, 2004.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CUNHA, J. et al. **Aprendendo a conviver, livro 2**: bullying e violência nas escolas. Curitiba: NEAB-UFPR, 2018.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. [s.l: s.n.].
- MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio De Janeiro: EDITORA OBJETIVA LTDA, 2010.
- WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. de M. **Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying**. Psicologia Clínica, v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013.
- OLWEUS, D. **Cyberbullying**: An overrated phenomenon?. European Journal of Developmental Psychology, v. 9, n. 5, p. 520-538, 2012.